

# **Comunidade Quilombola de Boa Vista dos Negros: relações inter-raciais, trajetórias pessoais e percursos educativos numa perspectiva etno-histórica**

*Quilombola community of Boa Vista dos Negros:  
interracial relationships, personal trajectories and  
educational paths in an ethno-historical perspective*

Sebastião Genicarlos dos Santos<sup>1</sup>      Laísa Fernanda Santos de Farias<sup>2</sup>

**Resumo.** A Boa Vista dos Negros é uma comunidade negra rural, situada no Município de Parelhas/RN, microrregião do Seridó. Há indícios mnemônicos e documentais que sugerem o último quartel do século XVIII como o momento em que a comunidade se formou, é, todavia, a partir da centúria que ali se desenrolam os processos educativos aqui abordados. Notadamente, a luta pelo acesso à educação formal representa, para a população local, uma forma de resistência às opressões de que são vítimas, em decorrência da situação étnico-racial do grupo. As análises aqui efetivadas tiveram como base as relações inter-raciais envolvendo a comunidade em foco, a observação da conjuntura socioeducativa seridoense e as políticas públicas voltadas para a ampliação de estabelecimentos de ensino no Brasil, além de inserções micro-históricas a partir da exploração da memória e da leitura combinada de variadas fontes documentais.

**Palavras-chave.** População negra. Seridó. Educação.

**Abstract.** Boa Vista dos Negros is a rural black community, located in the municipality of Parelhas/RN, micro-region of Seridó. There are mnemonic and documentary evidences that suggest the last quarter of the 18th century as the moment when the community was formed, however, it is from the century that the educational processes discussed here take place. Notably, the struggle for access to formal education represents, for the local population, a form of resistance to the oppression of which they are victims, as a result of the ethnic-racial situation of the group. The analyzes carried out here were based on the inter-racial relations involving the community in focus, the observation of the socio-educational situation in seridoense and the public policies aimed at the expansion of educational establishments in Brazil, in addition to micro-historical insertions based on the exploration of memory and from the combined reading of various documentary sources.

**Keywords.** Black people. Seridó. Education.

---

<sup>1</sup>Bacharel e licenciado em História (UFRN/CERES), mestre em Antropologia Social (UFRN/PPGAS). ID Lattes: 7476484767892937. ORCID: 0000-0003-3529-2851. E-mail: sebastiaosantos710@gmail.com.

<sup>2</sup>Licenciada em História (UFRN/CERES), mestre em História (UFRN/CERES/PPGHIST), doutoranda em Educação (UFRN/PPGED). ID Lattes: 4075872461257574. ORCID: 0000-0002-2025-1259. E-mail: nandafarias07@gmail.com.

## Introdução

A Boa Vista dos Negros, conforme o nome sugere, é uma comunidade negra, situada na região Seridó do Rio Grande do Norte, na zona rural do município de Parelhas. O grupo vive um processo de emergência étnica, impulsionado pela efetivação das políticas afirmativas realizadas pelo governo federal entre os anos de 2003 e 2016. Em 4 de junho de 2004 a comunidade foi reconhecida como quilombola, conforme o processo 54330.001762/2004-52 (Governo Federal/INCRA<sup>3</sup>) e, agora a titulação do território comunitário está em fase de finalização.

A formação dessa comunidade ocorreu no século XVIII e desde o início sua existência é marcada pelo contexto relacional que mantém seus membros em conexão com as comunidades vizinhas, todas elas identificadas como ocupadas por população de maioria branca. Trata-se, portanto, de relações inter-raciais, caracterizadas por nuances de aproximações e afastamentos, conforme fosse conveniente à população negra aqui enfocada (SANTOS, S. G. d., 2020).

É importante ainda que ressaltamos, contíguas à Boa Vista dos Negros existem duas comunidades homônimas, diferenciadas apenas pela aposição do sobrenome familiar que predomina em cada uma delas, a saber, Boa Vista dos Lucianos e Boa Vista dos Barros. Assim, para efeito de melhor fluidez do presente texto, quando citarmos apenas “Boa Vista”, sem nenhuma distinção, estaremos nos referindo ao grupo atualmente identificado como quilombola, objeto de análise da presente discussão.

Muito da relação entre a Boa Vista dos Negros e as povoações circunvizinhas pode ser vislumbrado por meio da educação. Francisca Benvinda do Amaral (Chica Vieira) foi uma das primeiras professoras negras do município de Parelhas, quiçá da Região Seridó Norte-Rio-Grandense. Nasceu na Boa Vista em 1937, filha de José Vieira e de Maria Benvinda da Conceição (Maria Vieira). Ao contrário da maioria das meninas negras da sua idade, enfrentou as barreiras que lhe eram impostas pelas condições de gênero e de raça. Incentivada pelos pais, a menina cursou o ensino primário na Boa Vista dos Lucianos. Suas professoras, na sobredita escola, foram Luzia Luciano e depois Joaquina, conhecida como Quinó (SOUZA, 2016).

De fato, a pesquisa documental, tanto quanto abordagem dos aspectos mnemônicos da Boa Vista sugere que D. Chica Vieira foi realmente a primeira pessoa da comunidade a completar o processo de alfabetização. Porém, o historiador Manuel Dantas de Maria Neto<sup>4</sup>, revela que o município de Jardim do Seridó/RN, do qual o território de Parelhas e consequentemente a Boa Vista, só foi desmembrado em 1927, era carente de instituições educacionais até a quadra final do século XIX. Segundo informa aquele estudioso, a escola de Bernardino Sena foi o primeiro “centro de ensino da região” e, o mais intrigante, tal escola teve início na Boa Vista dos Negros, em 1881. O professor se chamava Manuel Hipólito. No entanto, uma desavença entre este último e o aluno Ricardo, neto do então chefe de polícia de Jardim do Seridó, em 1883, foi motivo suficiente para que a instituição de ensino fosse transferida para a responsabilidade de Bernardino de Sena e deslocada para “o Juazeiro”, comunidade vizinha à Boa Vista (MARIA NETO, 2010, p. 6).

Encontramos, na historiografia referente ao Seridó, diversas menções ao Professor Manuel Hipólito, que teve atuação marcante nos círculos culturais da região nos anos finais do século XIX e iniciais do XX. Além de exercer o magistério na Boa Vista, ele também o fez em Carnaúba dos Dantas/RN, sua terra natal. Inclusive sua atuação como professor é referendada por Nestor Lima na Série Municípios do Rio Grande do Norte, publicada na Revista do Instituto Histórico

<sup>3</sup>Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

<sup>4</sup>Manoel Dantas de Maria Neto, mais conhecido como Neco, é historiador formado pela UFRN/CERES, embora não exerça a profissão. Nasceu em Parelhas, no Sítio Cachoeira e atualmente reside no Povoado Juazeiro, é agricultor, sanfoneiro e cordelista.

e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN)<sup>5</sup>. Também foi pioneiro na música carnaubense, haja vista que ao contribuir para a introdução da primeira arte no lugar, através dos rituais religiosos, ele, ao lado de José Venâncio propiciaram a descoberta de grandes talentos musicais, como os renomados maestros Tonheca Dantas e Felinto Lúcio Dantas. Manuel Hipólito ainda desempenhou suas funções em Caicó/RN e foi pai de dois excelentes músicos, Enéas Hipólito Dantas e Manuel Hipólito Filho (Fumaça) (MACEDO et al., 2005).

Não tivemos acesso à documentação consultada e aludida por Maria Neto no que diz respeito à escola da Boa Vista na década de 1880, mas segundo ele, tal registro era parte do arquivo pessoal do professor João Manuel, que deve ter se perdido ou extraviado. Todavia seu texto, assim como a análise da trajetória da Professora Chica Vieira, oferece subsídios para o entendimento das relações envolvendo a Boa Vista e as povoações circunvizinhas.

Não se pode esquecer, quando, de acordo com Maria Neto, foi fundada a escola na Boa Vista dos Negros, o que atualmente corresponde ao Município de Parelhas estava circunscrito à jurisdição de Jardim do Seridó (MACÊDO, 1989). A criação da primeira instituição de ensino em um município tão grande ter se dado justamente em uma comunidade negra rural é algo um tanto curioso. O referido texto não explora os motivos que tiveram as autoridades locais para darem início à escolarização municipal a partir da Boa Vista dos Negros. Por outro lado, lê-se nas entrelinhas de sua obra que havia uma convivência rotineira entre pessoas negras e brancas em território negro, isto se considerarmos que os dois personagens que entraram em litígio naquela escola eram brancos.

Nossa abordagem do tema aqui tratado é orientada pela ideia de união das perspectivas histórica e antropológica, isto é, há um trabalho de campo, através do qual, na convivência com vários dos sujeitos mencionados, procuramos captar a visão de mundo e os pontos de vista de um grupo subalternizado e apreender os significados da educação formal para a comunidade e as ações agenciadas pela mesma para obter o acesso à escolarização, tendo o cuidado para que isso não se converta em mais um campo de discriminação e opressão sociais.

Para tanto, dialogamos com o trabalho de Nathan Wachtel (2001), que nos serve de inspiração para a efetivação de uma antropologia-histórica, tanto quanto no que diz respeito a trazermos para o centro de observação e análise o ponto de vista de um grupo remetido historicamente à condição de marginalidade. Por outro lado, Abdias do Nascimento (2016) nos leva a perceber como a falsa ideia de que existe no Brasil uma democracia racial, serve na verdade para encobrir todo o contexto de discriminação a que a população negra é submetida em nosso país, com desigualdade de oportunidades e negação das chances de um protagonismo negro. Assim, as muitas barreiras impostas a tal população só podem ser superadas à custa de muita resistência e grandes esforços. As questões referentes às relações inter-raciais e às agências da população negra são aqui pensadas a partir de Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos (2010). Já Hidalgo, Sikora e Palhano (2013), nos servem para o entendimento das circunstâncias sociais e políticas em que se deram as ações públicas no sentido de “democratizar” o acesso à escolarização no Brasil das primeiras décadas do século XX. Além desses, ainda dialogamos com a obra de pesquisadores dedicados à compreensão das dinâmicas sociais e educativas no Seridó e na própria Comunidade Boa Vista dos Negros, tais como Souza (2016), Lima (2004) e Macêdo (1989).

Além das fontes orais, utilizamos documentação de natureza cartorial, escolar (registros de matrículas, diários de sala de aula, diário pessoal do Professor João Manuel dos Santos), iconográfica, correspondências trocadas entre gestores de órgãos públicos municipais e estaduais.

---

<sup>5</sup>Essa informação nos foi passada pelo Prof. Dr. Helder Macedo, infelizmente o contexto de pandemia nos impediu de ir ao IHGRN a fim de ter acesso ao periódico e buscar informações mais pontuais a respeito daquele educador.

Tudo isso, associado com as leituras realizadas serviu como teste para nossa hipótese de que, na Boa Vista dos Negros, as relações inter-raciais foram estrategicamente conduzidas e de que a formação de um grupo escolar na comunidade, dirigido por uma professora ali “nascida e criada” foi perpassada por esse contexto relacional e serviu ao interesse comunitário de ter acesso à escolarização e estar, simultaneamente, livre da discriminação.

Objetivamos, com a realização do presente trabalho, trazer à tona uma versão histórica do Seridó que, ao não afinar-se com os pontos de vista de engrandecimento das elites regionais, demonstram a resistência e o protagonismo de uma parcela populacional que por muito tempo esteve sob o espectro da invisibilidade. Destarte, sua importância é justamente a de contribuir para uma visão mais consciente da realidade vivenciada pelo negro nesse fragmento de Brasil e ao mesmo tempo colocar em evidência as conquistas agenciadas por essa própria população, seja coletivamente ou por meio do esforço de pessoas como a Professora Chica Vieira, ao invés de interpretá-las como fruto da benevolência dos grupos situados no centro do poder.

## Desenvolvimento

No Brasil do início da década de 1880 não havia políticas governamentais que viabilizassem a integração da população negra, a despeito do gradativo desmantelamento do sistema escravista. Ao contrário, o que estava em curso era um processo de segregação dos sujeitos beneficiados pelos processos de manumissões (NASCIMENTO, 2016). Dessa forma, manter em funcionamento o primeiro centro de ensino de uma jurisdição, em um espaço ocupado por uma população negra seria uma contradição.

Assim, mais do que o resultado de uma desavença, a mudança do professor e, sobretudo, do local de ensino, não refletem o zelo por uma estrutura social que poderia ser comprometida com a oferta de instrução a uma população negra, numa época em que até mesmo os sujeitos identificados como brancos, dominantes da sociedade eram, em sua maioria, analfabetos?

O deslocamento da escola pode ser interpretado como resultado de jogos de disputa pelo poder, haja vista que quando substituiu Manoel Hipólito, o novo professor, Bernardino de Sena e Silva era ainda jovem, tinha 33 anos. Estava dando início a uma trajetória de liderança política como representante da então Vila de Parelhas, que atingiu o ápice quando assumiu o cargo de prefeito de Jardim do Seridó, entre 1902 e 1904 (LIMA, 2004).

Em grande medida, sua reputação e sua influência política foram construídas pelo prestígio que a posição de educador lhe conferiu e também à base de favores e benesses, um tanto paternalistas, concedidas aos pobres. Interrompido o funcionamento escolar na Boa Vista, a escola foi levada justamente para a sua casa na Fazenda Aroeiras, lugar onde teve início o Povoado Juazeiro (MARIA NETO, 2010).

Com essa manobra, o fazendeiro professor pôde consolidar sua posição de liderança política. Ali seus alunos não eram somente instruídos com relação às letras e números, mas também aprendiam a respeitar e seguir sua autoridade. Inclusive como mediador de questões envolvendo divisas de terra, compra e venda de animais e afins. Dessa forma, vê-se que a escola servia como ferramenta para o favorecimento político.

Segundo informações de Florêncio Luciano, que morava no Sítio Boa Vista, Bernardino revelou-se um professor muito paciente e compreensivo, não recorrendo a métodos violentos, nem castigos para seus alunos; a sua personalidade era suficiente para se fazer obedecido. Era amado e obedecido, não somente pelos alunos; todos os que o conheciam tinham um modo especial e carinhoso de o tratar, destacando-o, sempre que a sua presença era solicitada, oferecendo-lhe o

lugar ou o assento de maior destaque. Conhecido por todos como “Seu Sena”, no entanto os parentes o chamavam “Tio Bernardino”, enquanto os netos respeitosamente o tratavam por “Papai do Juazeiro”. Só os negros da Boa Vista se davam ao costume de o chamar de “Bernardo” (LIMA, 2004, p. 228).

O local que sediou inicialmente a escola de Bernardino Sena fica a leste da Boa Vista dos Negros, a menos de 3 km de distância, mesmo assim não há referência a pessoas da citada comunidade estudando ali. Em Lima (2004, p. 228) consta uma lista nominal de alguns alunos do mestre-escola das Aroeiras, Bernardino Sena. Ninguém que possa ser identificado como da Boa Vista dos Negros aparece naquele rol nominal, mas há um caso bastante peculiar, que inclusive é referenciado por Lima, como que tentando exaltar a generosidade do professor. A única mulher presente na lista chama-se Joana Januária, é negra, destaca o sobredito autor, e filha de um ex-cativo chamado Antônio Bento de Miranda.

Os personagens arrolados na referida lista são, em sua maioria figuras ilustres, pertencentes ao círculo elitizado da região, como José Luciano (pai de Florêncio Luciano, que viria a ser uma das maiores lideranças do cenário político parelhense da década de 1920 até década de 1950) e o grande fazendeiro Gregório Gondim (FARIAS, 2021; LIMA, 2004). A presença exclusiva de pessoas eminentes no rol dos pupilos de Bernardino revela muito sobre os fins a que se destinava a educação à época, isto é, ilustrar sujeitos brancos do sexo masculino e oriundos da classe dirigente.

Isso já elucida a ausência dos “negos da Boa Vista”, a despeito de haver certa aproximação entre eles e o mestre por eles chamado de Bernardo. Mas o que explica a presença da negra Joana Januária entre os estudantes listados? Especialmente numa ocasião em que aparentemente só os homens estudavam, pelo que se vê na referida lista, já que nesta constam apenas nomes masculinos, exceto o de Joana.

Com efeito, a existência de uma mulher negra entre os primeiros alunos do mestre das Aroeiras pode induzir à ideia de que negros e brancos eram recebidos e tratados da mesma forma naquela instituição de ensino. Ao que nos parece, essa ideia é uma falácia. Expliquemos nosso ponto de vista: Foi comum no Brasil, como elucida Carlos Alexandre Barboza Plínio dos Santos (2010), o hábito de os cativos manumitidos e seus descendentes se ligarem a famílias brancas, muitas vezes seus ex-senhores, para quem prestavam trabalhos domésticos em troca de casa, comida e uma remuneração geralmente ínfima e incerta. Trata-se muito mais de uma relação de apadrinhamento, em que o afilhado vive na casa do padrinho, priva de sua intimidade e tem com ele uma relação mais próxima do que os demais trabalhadores que estão a seu serviço. É possível que Joana Januária vivesse nessa condição na casa de Bernardino Sena e que isso lhe proporcionasse liberdade para assistir as aulas.

É importante ressaltar que a situação de apadrinhamento acima descrita pode ser, no caso das pessoas ligadas à Boa Vista, uma das faces de um contexto paternalista bem mais amplo, o qual perpassa diversos aspectos das relações raciais que envolvem aquela comunidade. Da mesma forma, não se deve pensar que o apadrinhamento acima aludido seja indício de uma relação “docilizada”, para usar a expressão de Gilberto Freyre (1933), entre o senhor branco e seu afilhado negro. Antes, esse tipo de situação pode exprimir formas de exploração que persistiam no século XX, como o eco do cotidiano escravista.

Dois acontecimentos passados na vida de um sujeito negro, Zé Cosme (José Miguel dos Santos), oriundo da Boa Vista, ilustram bem essa realidade. De acordo com Lima (2004) “o Negro Cosme” (pai de Zé Cosme), morou por algum tempo nas proximidades da Casa da Pedra, propriedade de Bernardino Sena. Já os filhos de Zé Cosme lembram que seu pai era afilhado de Bernardino e viveu boa parte de sua adolescência na casa do padrinho, na Fazenda Aroeiras.

Apesar de ser bem acostumado no lugar, dois eventos o levaram a se afastar e interromper o convívio com as pessoas dali.

Primeiro, um de seus trabalhos, enquanto morador da fazenda e afilhado do patrão, era alimentar um rebanho de caprinos com ração verde, e trazida em uma carroça de boi para o chiqueiro. Entretanto, houve a ocasião em que um bode fujão ao ver chegar a referida carroça, correu de encontro a esta, que estava em movimento, uma de suas rodas esmagou o pescoço do animal. Zé Cosme foi responsabilizado e ouviu as seguintes palavras: “Zé Cosme é um criminoso, já matou até um bode”. Apesar do tom de brincadeira, as palavras dirigidas a Zé Cosme refletem o julgo severo e os tratamentos humilhantes a que os negros eram submetidos naquele contexto.

Após a morte de Bernardino Sena, a direção da fazenda coube a seu filho Luiz Gonzaga de Sena (LIMA, 2004). Em época de grande produção de melões, Zé Cosme trazia carroças da fruta para a sede da fazenda sem ter, contudo, o direito de comer nenhum deles. Ao narrar esse acontecimento, Jerônimo Cosme, filho do personagem aqui referido, afirma que seu pai ria muito ao relembrar a situação, sem negar que se sentia constrangido por saber que, diante de tão vultoso número de frutos, lhe era negado o direito de comer ao menos um.

Certa vez, ao falar sobre o assunto com alguns amigos, um dos presentes, Galego de Emídio, lhe disse, “mas Zé Cosme, tu sois um otário, a carroça cheia de melão e tu com fome!” Risonho, Zé Cosme respondeu, “eu ia comer o melão alheio, Galego!?” Esses acontecimentos contribuíram para que Zé Cosme tomasse a decisão de sair da fazenda de seu padrinho e ir trabalhar na Fazenda Maracujá, onde aprendeu o ofício de fabricante de pólvora.

Os casos acima tratados deixam transparecer um pouco das relações inter-raciais que envolvem a Boa Vista, afinal todos os personagens negros a que nos referimos têm, direta ou indiretamente, algum tipo de ligação com a comunidade. Inclusive os termos em que se davam tais relações podem explicar a ausência de outros negros na escola de Bernardino e especialmente a retirada da instituição de ensino do território dos negros em 1883.

É interessante notar que o referido Zé Cosme, nascido em 1913<sup>6</sup>, tinha o desejo de aprender a ler, mas ao contrário de Joana Januária, não pôde frequentar as aulas de seu padrinho Bernardino Sena. Já idoso, fora alfabetizado por uma de suas noras, no final da década de 1970, quando já tinha mais de 60 anos de idade. Gostaríamos também de ter uma melhor compreensão das circunstâncias que levaram a instalação da primeira escola da região de Jardim do Seridó justamente na Boa Vista dos Negros, porém não dispomos até aqui de subsídios documentais que possam basear nossa busca por respostas, ademais, esse é um tema que está para além do escopo das memórias locais.

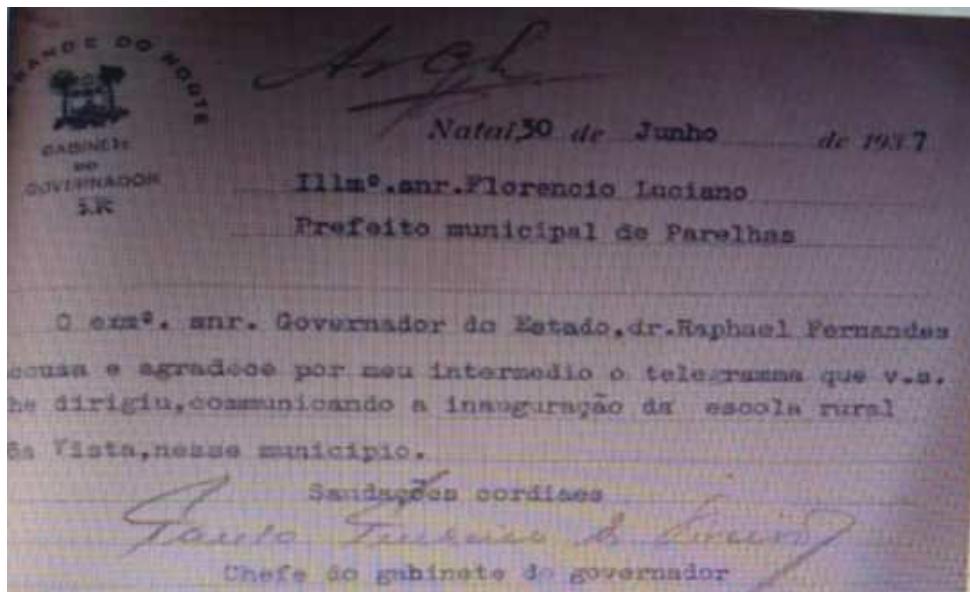
Por outro lado, é importante considerar o fato de que nos anos 30 o governo brasileiro colocava em prática uma série de medidas que visavam um maior alcance do ensino público no país, como a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública. Também através do incentivo à criação de novas escolas e do aumento da rede de docentes, multiplicando assim o número de estudantes país afora. Foi nesse contexto que um grupo de educadores assinou um documento defendendo que o Estado instituísse uma educação gratuita, laica e que desse aos meninos e meninas a oportunidade de frequentar a mesma sala de aula (BURITI, 2005).

Certamente a criação da escola da Boa Vista dos Luciano, onde D. Chica Vieira foi aluna, é consequência disso. Conferimos na documentação do arquivo da Prefeitura Municipal de Parelhas que sua inauguração data de 1937 (figura 1). Trata-se, portanto, de um momento passível de ser alcançado pela memória de alguns de nossos interlocutores da Boa Vista, Manoel Miguel, por exemplo, nasceu em 1932, Zé Vieira, em 1925. Mas é fato que nenhum deles faz

<sup>6</sup> Apesar de nascido em 1913, os documentos de Zé Cosme apontam que sua data de nascimento era o ano de 1916, no entanto, ele mesmo relatava o caso, afirmado que seus documentos traziam a data errada.

menção à presença de pessoas da Boa Vista dos Negros na referida escola, exceto Chica Vieira, que foi matriculada já na década de 1940. A figura 1 apresenta o documento em que o governo do Rio Grande do Norte corrobora a inauguração da escola da Boa Vista dos Lucianos.

Figura 1: Inauguração da Escola Rural do Boa Vista dos Negros



Fonte: Arquivo Municipal de Parelhas.

O impulso dado à sistematização e ao crescimento do aparelho educativo implicava a canalização de recursos para os municípios, que se encarregariam de criar novas escolas e incentivar novas matrículas, o que determinava a origem de novos postos docentes. Ter acesso a esses canais de recursos era algo bastante interessante para cidades pequenas, cujas receitas eram um tanto diminutas.

Mesmo assim, não parece ter havido até aquela época nenhuma tentativa de inclusão da população da Boa Vista dos Negros, apesar de a comunidade se situar entre a Escola do Juazeiro e a da Boa Vista dos Lucianos, somente uma jovem da comunidade (Chica Vieira) consegue se matricular e permanecer estudando. Não restam dúvidas de que sua permanência na escola foi a quebra de uma série de barreiras, até então intransponíveis às pessoas que tinham a mesma origem que ela (SOUZA, 2016).

O grupo escolar do Povoado Juazeiro apresenta situação semelhante. Em 1929 o professor João Manuel dos Santos, neto de Bernardino Sena<sup>7</sup>, assumiu a docência naquela escola, permanecendo até 1971 (MARIA NETO, 2010). Tantos anos de atuação docente possibilitaram àquele professor a constituição de um arquivo em que consta uma grande quantidade de listas de matrículas, anotações sobre o cotidiano escolar, inclusive com algumas fotografias, cartilhas didáticas e um diário pessoal. A pesquisa no sobredito arquivo, demonstrou a mesma ausência de pessoas da Boa Vista dos Negros.

Embora houvesse diversas pessoas com sobrenome Fernandes, muito comum na comunidade em pauta, podemos averiguar que não se tratava “dos negros”, mas de estudantes residentes no Juazeiro e em suas adjacências. Já os sobrenomes Vieira e Miguel, também comuns na Boa Vista dos Negros, são inexistentes na documentação consultada.

<sup>7</sup>A referida escola se encontra em funcionamento até os dias atuais, com o nome de Escola Estadual Bernardino de Sena Silva. É nela que atuo como professor de História, é lá também que estudam meus primos quilombolas da Boa Vista.

Esta constatação foi corroborada pela análise de registros fotográficos em que o referido professor aparece junto a seus alunos, bem como pelos informantes que são unâimes em afirmar a inexistência de negros da Boa Vista na escola do Juazeiro, no período que vai de 1929 a 1954, momento em que Chica Vieira começa a lecionar. Já na década de 1960, ela mesma, precisando aprofundar seus conhecimentos, uma vez que havia estudado somente até o terceiro ano, chegou a estudar no Juazeiro (SOUZA, 2016). Na figura 2 pode-se constatar a ausência de pessoas da Boa Vista dos Negros na escola do Povoado Juazeiro à época enfatizada.

Figura 2: Professor João Manuel e seus alunos em 1939



Fonte: Acervo pessoal de João Manuel dos Santos.

Como assinalamos nas linhas anteriores, não havia nos projetos políticos brasileiros o interesse de integração da população negra (NASCIMENTO, 2016). Por outro lado, percebemos que as relações do “povo da Boa Vista” com as comunidades circunvizinhas e com as autoridades se davam por meio de um jogo de aproximações e distanciamentos, no qual “os negros”, enquanto grupo marginalizado, seguiam muitas vezes uma série de lógicas conscientes e inconscientes.

Conforme preceitua Wachtel (2001) ao falar sobre lógica inconsciente, fazendo referência a ações coletivas e/ou individuais mediante um contexto pré-estabelecido, visando a obtenção de determinados objetivos, com o fito de aproveitar essas interações da melhor maneira possível, de forma que a integridade e o território do grupo fossem mantidos e, ao mesmo tempo supridas as necessidades de cada momento.

Essa conduta também consiste em se esquivar da convivência com pessoas brancas, sempre que isto pudesse ser motivo de opressão ou constrangimento de qualquer natureza. Percebe-se nessa atitude um ato de resistência, tanto que a instalação da escola no território dos negros em 1954 e a regência dessa escola por uma pessoa do lugar, é entendida como a oportunidade de adentrar o mundo das letras sem incorrer no risco de um julgo opressivo.

No Brasil dos anos 50, momento em que foi posta em funcionamento a escola da Boa Vista dos Negros, estava entrando em curso um novo incentivo à educação campesina. Hidalgo,

Sikora e Palhano (2013, p. 6), argumentam que à época, o governo brasileiro se esforçava para firmar convênios com os Estados Unidos, notadamente para a realização de ações voltadas à educação no campo, inclusive com envolvimento de agências internacionais de fomento. Segundo as autoras, era imprescindível a participação dos municípios nesse processo, uma vez que seria deles a responsabilidade de receber os recursos e direcioná-los para a educação campesina.

Portanto, levar o sistema educacional para os negros da Boa Vista, não foi um ato de pura bondade, tratava-se de uma ação decorrente de um contexto bastante amplo e que fora realizada como forma de atender aos interesses tanto da municipalidade, quanto da classe política que a dirigia. Um exemplo disso se deu na própria trajetória política e, consequentemente, educacional do político Florêncio Luciano, citado anteriormente.

Prefeito responsável pelo decreto que criou a escola da Boa Vista, Florêncio Luciano tinha um histórico de ligação profícua entre políticos desde 1928 quando criou o Plano de propaganda Contra o Analfabetismo em Parelhas, a fim de retirar em massa a população analfabeta das mazelas causadas pela falta de instrução e ainda promover a entrada de sua cidade, num rol de desenvolvimento e modernização propagados pela Primeira República<sup>8</sup>.

Em nossa percepção, baseada na documentação analisada, nos textos consultados e na tradição oral, as escolas do Povoado Juazeiro e da Boa Vista dos Luciano, não se negaram a receber “os negros”<sup>9</sup>, mas estes é que optaram por não fazer parte daquelas instituições de ensino, por terem consciência do risco de discriminação que ocorreria num ambiente escolar pensado e estruturado para a população branca. No entanto, a presença “dos negros” em outras situações é bastante lembrada, sobretudo no Juazeiro, assim como a frequência de pessoas do Juazeiro na comunidade “dos negros” também é muito recorrente, notadamente nas festividades religiosas e nos trabalhos agrícolas.

Uma virada muito significativa no que diz respeito ao acesso do pessoal da Boa Vista dos negros à escolarização se deu com a figura de D. Chica Vieira, Francisca Benvinda do Amaral. Nascida na própria comunidade em 1837, ela enfrentou as dificuldades impostas por ser mulher, negra, pobre e quilombola e conseguiu matricular-se e permanecer na escola da Boa Vista dos Lucianos, comunidade adjacente à sua, onde se alfabetizou e adquiriu o conhecimento necessário para dirigir um grupo escolar no seu lugar de nascimento.

## Chica Vieira, a professora da Boa Vista

Chica Vieira, sobrinha de Zé Cosme, filha de sua irmã Maria, se tornou professora em 1954. Como demonstrado acima, foi a primeira pessoa da Boa Vista dos Negros a escolarizar-se de modo formal. Notemos, porém, que ela é bastante jovem se comparada ao tempo de existência das duas escolas entre as quais se situa a sua comunidade de origem. No entanto, as circunstâncias que fizeram com que fosse implantada uma escola na Boa Vista dos Negros, aquela regida por D. Chica a partir de 1954, revelam o que ficou na memória, “que o prefeito Florêncio Luciano protegia os negros da Boa Vista”.

<sup>8</sup> A fim de situarmos o leitor no histórico de dedicação do personagem Florêncio Luciano na educação parelhense, bem como a trajetória da criação das escolas rurais no município de Parelhas, antes mesmo da instalação da escola da Boa Vista dos Negros, indicamos a leitura dos artigos: *Florêncio Luciano e o Plano de Propaganda Contra o analfabetismo: modernização pela educação no Sertão do Seridó Potiguar (1928–1929)*, disponível na History of Education in Latin America – HistELA, v. 2, 19500, 2019, p. 2 de 15, bem como o trabalho, *De como as letras formam um cidadão: os ritos e símbolos da Primeira República na cidade de Parelhas-RN (1928–1930)*, disponível em Revista Galo, n. 3, p. 75–92, 18 jul. 2021.

<sup>9</sup> A expressão “os negros” empregada nesse contexto designa a forma como a população das adjacências da Boa Vista dos Negros se refere aos moradores daquela comunidade.

Na época em que D. Chica fora aluna na Boa Vista dos Luciano, de 1947 a 1953, ali só se ofertava até o quarto ano (antiga terceira série). Mas seu caso é bastante *sui generis*, uma vez que ao concluir o “ciclo” ela repetiu, por vontade própria, o quarto ano três vezes, já que não queria ficar sem estudar, conforme depoimento concedido a Sebastião Santos em 2012.

(Chica Vieira) Foi, eu ia pra lá estudar com Quinó, aí só tinha até o terceiro ano aí, eu não queria saber, eu não queria assim, ficar sem estudar, aí eu ficava repetindo o terceiro ano. Repeti três vezes, pra não ficar sem estudar. Aí quando foi um dia Seu Florêncio foi lá, Seu Florêncio era o prefeito num sabe. Ele falou com Quinó, que estava pensando em abrir assim uma escola aqui nos negros, pra ver se dava certo, mas não sabia quem ia ensinar... aí perguntou se ela não sabia de uma pessoa pra ensinar, que a prefeitura pagava. Aí ela disse olhe, tem uma menina de lá, filha de Zé Vieira, que estuda aqui comigo já faz é tempo, ela pode, aquela menina ela tem condições de... começar uma escola lá. Aí pronto, Seu Florêncio veio, disse assim mais ou menos como era, aí eu comecei, comecei a ensinar aqui.

(Sebastião) Isso foi em que ano?

(Chica Vieira) O ano foi em 54, 1954. E aí eu fiquei até me aposentar.

(Sebastião) Aí Seu Florêncio mandou construir logo essa escola?

(Chica Vieira) Não, mandou não, esse salão foi muito depois. No começo era assim, eu arranjei uma mesa grande emprestada num sabe... aí quando era de noite, a aula era de noite, botava um bocado de lamparina em cima da mesa, na casa de meu pai né, que eu era solteira ainda, as aulas eram lá em casa mesmo, a casa era mesmo ali naquele canto. Aí tinha uns bancos compridos, que era pra gente sentar, botava assim perto da mesa, um dum lado outro do outro. Aí eu ensinava as quatro operações, a ler, a escrever...

(Sebastião) E quem eram os alunos?

(Chica Vieira) Era o pessoal daqui da Boa Vista mesmo, todo mundo, muita gente estudou comigo. Depois vinha um pessoal de fora, vinha os meninos dali do Riachão, que era pra completar a matrícula, tinha que ter aquela quantidade de aluno, vinha gente também da Boa Vista dos Luciano. E todo mundo aprendia bem, o que passava eles aprendiam.

A casa em que D. Chica morava junto a seus pais era uma construção de taipa, coberta com palha, assim como quase todas da comunidade. Semelhante à da figura 3.

Inicialmente os alunos de D. Chica eram tanto adultos quanto crianças, pessoas da comunidade, que animados pela oportunidade de aprender a ler e escrever logo se matricularam (SOUZA, 2016). Como parte dos estudantes trabalhava durante o dia, geralmente na agricultura, as aulas ocorriam no início da noite, entre as 18h30 e as 20h00, com um pequeno intervalo para que os alunos pudessem fumar seus cachimbos e conversar um pouco.

Como esclarece a professora, nos primeiros anos em que funcionou a escola da Boa Vista, o alunado era exclusivamente formado por pessoas da comunidade, todos ligados por laços de parentesco. No entanto, merece atenção especial o fato de que duas comunidades vizinhas da Boa Vista dos Negros já possuíam grupos escolares em funcionamento, a Boa Vista dos Lucianos, como já fora mencionado e o Juazeiro, escola esta que teve início na Boa Vista dos Negros e depois foi removida. Entretanto, não havia pessoas da comunidade pesquisada (Boa Vista) frequentando essas escolas.

Figura 3: Casa em que residia D. Maria Vieira, mãe de Chica Vieira. Esse registro evidência que a arquitetura à base de taipa e palha ainda era usada na Boa Vista durante a década de 1980



Fonte: OLIVEIRA JUNIOR, G. B. d. Memória fotográfica de uma comunidade quilombola no semiárido do estado do Rio Grande do Norte: a Boa Vista dos Negros, Parelhas, Rio Grande do Norte, Brasil.

Áltera—Revista de Antropologia, João Pessoa, v. 2, n. 5, 2017. p. 373.

Assim, a escola dirigida por Chica Vieira no território “dos negros” constituiu a chance de acesso à educação formal sem o risco de discriminações, do mesmo modo que o fato de ela ter um significativo número de crianças e de adultos como seus alunos revela também uma atitude de resistência. A sobredita escola recebeu o nome de avó paterna de Chica Vieira, Serafina Maria de Jesus (Imbém), sua existência, embora abafada pelos discursos elitistas, que buscam o engrandecimento das figuras de eminência política e econômica, foi uma arma no combate à opressão, justamente por ser uma instituição destinada à ilustração de uma população negra, sob a regência de uma mulher negra, como se pode observar na figura 4.

Figura 4: Professora Chica Vieira e seus alunos em 1957



Fonte: Museu Virtual Tronco, Ramos e Raízes.

À medida em que seu trabalho foi se consolidando e ganhando reconhecimento, D. Chica passou a receber alunos brancos, vindos da Boa Vista dos Lucianos e da Boa Vista dos Barros<sup>10</sup>. O prédio escolar da comunidade foi construído em 1958 e não foi chamado de escola pela população local, mas de salão. O espaço também foi destinado a reuniões, realização de festas e à recepção de visitas. Ali o ensino foi ministrado até o ano 2000, ou seja, pouco depois da aposentadoria de D. Chica foi encerrado o funcionamento da referida instituição (SOUZA, 2016).

Em decorrência do encerramento das atividades escolares na comunidade, as crianças e adolescentes que nela residem se deslocam de segunda a sexta-feira, em transporte escolar oferecido pelo governo estadual, juntamente com alunos oriundos de outras comunidades rurais da vizinhança para o Povoado Juazeiro, onde cursam desde a educação infantil até os anos finais do ensino fundamental.

Concluída esta etapa, são encaminhados para escolas situadas na sede do município, a fim de cursarem o ensino médio. Os que pretendem ingressar no ensino superior precisam optar pelas cidades próximas em que existem centros universitários, isto é, Caicó/RN ou Currais Novos/RN. Natal não deixa de ser uma opção, mas neste caso se faz necessária à mudança de residência. Também há a possibilidade de realizar os estudos universitários em algumas cidades do interior paraibano como Picuí, Cuité e Campina Grande. Essas, embora façam parte de outro estado, têm localizações relativamente próximas da cidade de Parelhas.

## Considerações finais

Como procuramos demonstrar, as relações inter-raciais em que a Boa Vista dos Negros está enredada, especialmente no que diz respeito ao Povoado Juazeiro tem na educação um de seus pontos fortes e demonstram o elevado nível de consciência e os esforços individuais e coletivos no sentido de atingir os interesses comunitários. Tal relação também é perpassada por questões de territorialização e por um conjunto de lógicas conscientes e inconscientes que determinam posturas individuais e coletivas.

## Referências

- AMARAL, F. B. d. Entrevista concedida a Sebastião Genicarlos dos Santos. Boa Vista dos Negros: [s.n.], 2012.
- BURITI, I. Há va(r)gas na escola: o discurso higienista e a limpeza da infância escolar nos anos 20 e 30. In: DANTAS, E.; BURITI, I. (Org.). *Cidade e região: múltiplas histórias*. João Pessoa: Ideia, 2005.
- FARIAS, L. F. *O plano de propaganda contra analfabetismo em Parelhas/RN (1928–1930)*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ensino Superior do Seridó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó.
- FREYRE, G. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal*. Rio de Janeiro: Record, 1994. Originalmente publicado em 1933.

<sup>10</sup>Segundo a própria Chica Vieira, os alunos que vinham do Sítio Riachão eram identificados como negros, filhos de Francisca Timóteo (Chica Timote), parentes do pessoal da Boa Vista dos Negros.

- HIDALGO, A. M.; SIKORA, D.; PALHANO, I. C. A Educação Rural nos anos 50 no Brasil e as influências do nacional desenvolvimentista. *Seminário Trabalhos UEM-PR*, Maringá, 2013. Disponível em:  
<[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2013/trabalhos/co\\_02/61.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2013/trabalhos/co_02/61.pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- LIMA, A. d. M. **Memórias**. Parelhas/RN: Departamento Estadual de Imprensa, 2004.
- MACEDO, H. A. M. d. et al. Inventário do patrimônio imaterial de Carnaúba dos Dantas III: formas de expressão. *Mneme—Revista de Humanidades*, Caicó, v. 7, n. 18, 2005.
- MACÊDO, A. P. **Município de Parelhas**: história, corografia e estatística. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.
- MARIA NETO, M. D. **Desvendando a história da comunidade Joazeiro**. 2010. Artigo de Conclusão de Curso (Especialização em História) – Faculdades Integradas de Patos, Patos.
- NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processos de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- SANTOS, C. A. B. P. d. **Fiéis descendentes**: redes-irmãndades na pós-abolição entre as comunidades negras rurais sul-matogrossenses. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília.
- SANTOS, S. G. d. **Parentes, vizinhos e compadres**: estratégias de resistência e relações interraciais na Boa Vista dos Negros. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- SOUZA, A. S. Professora Dona Chica: destinada a aprender. In: CAVIGNAC, J. A.; MACÊDO, M. K. (Org.). **Tronco, ramos e raízes**: História e patrimônio cultural do Seridó negro. Natal e Brasília: Flor do Sal, Editora UFRN e Associação Brasileira de Antropologia, 2016. P. 151–162.
- WACHTEL, N. **El regreso de los antepasados**: los indios urus de Bolivia, del siglo XX al XVI: ensayo de historia regressiva. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

Recebido em 25 set. 2021  
Aprovado em 2 out. 2021

